



Gabriel dos cabelos de ouro

Há muitos, muitos anos, andava de terra em terra a pedir esmola um velhotezinho careca. De Inverno, usava ele um gorro de lã enfiado até às orelhas e ninguém podia adivinhar que a sua cabeça era tão lisa e luzidia que mais parecia uma bola de marfim. Mas de Verão, o pobrezito não o aguentava por causa do calor que era muito e, assim, ele já sabia que, por onde passasse, os garotos iriam correr atrás dele a gritar:

— Olha o careca!... Olha o pelado!...

Cuidavam eles que o arrelivavam. Mas o velhinho punha-se a abanar a cabeça de cima para baixo e de baixo para cima e a murmurar resignadamente:

— É bem feito!... É-me muito bem feito!... Os garotos calavam-se, intrigados com aquelas palavras. Até que um dia, um deles, mais amigo de saber que qualquer outro, resolveu aproximar-se e perguntar:

— Tiozinho, diz que é bem feito porquê?... Gosta de ser careca?

— Não, meu menino, não gosto — respondeu ele com um sorriso triste. — Quem poderia gostar?

— Então porque diz que é bem feito? — insistiu o garoto.

— Porque... — e o velhinho calou-se.

— Porquê, tiozinho?... Não quer dizer?...

— Bom... É que para te explicar tudo bem explicado, teria de te contar uma longa história. E estarás tu disposto a ouvi-la?

— Estou, pois.

Curiosos, os outros rapazitos, um a um, tinham vindo a acercar-se e todos eles gritaram em coro:

— Nós também queremos ouvir... Nós também queremos...

Então o velhinho sentou-se numa pedra, encostou-se a uma árvore e os garotos, uns dez, mais ou menos, sentaram-se no chão à sua frente, bem acomodados, de olhos bem abertos e ouvidos bem atentos.

E o velho começou:

— Pois é, meninos... Ninguém sabe o que a Vida lhe reserva... Às vezes tudo parece correr bem e, de repente, muda tudo. Comigo foi assim. Mas vamos à história... O meu nome é Gabriel. E tenho um irmão gémeo chamado Uriel. Os meus Pais eram pastores que do seu gado viviam. A lã e os queijos davam-lhes de sobra para o seu amanhã. Mas não chegava para que se sentissem felizes. Eles queriam um filho. E então minha Mãe sonhava sonhos ambiciosos. À noitinha, quando aparecia no Céu a primeira estrela ou de madrugada quando, serenamente, adormecia a última, ela ria-se e dizia para o meu Pai:

— Vais ver... O nosso menino há-de ser mais lindo que a própria Estrela do Pastor ou que a Estrela da Manhã.

E quando o Sol despontava, a refulgir na Imensidade, minha Mãe continuava a sonhar em voz alta e extasiada:

— Vais ver... os cabelos do nosso menino hão-de brilhar como raios de sol.

— Tem juízo, mulher — atalhava meu Pai. — A mim me basta que seja um menino igual a qualquer outro.

— Isso não — protestava ela. — O meu menino há-de ser diferente. Há-de ser de ouro.

O certo é que o Céu a ouviu, pelo menos em parte: nasci de cabeça calva, tão calva como a tenho hoje, mas dourada e a brilhar de um brilho tão intenso que iluminava a casa de ponta a ponta. Quanto ao meu irmão — que ninguém esperava — esse era, sim, tal como o meu Pai queria o filho: igual a qualquer outro.

Minha Mãe, desde aquele primeiro momento, encheu-se de medo, não fosse alguém roubar-me por amor do tesouro em que eu, na verdade, me ia tornando, pois que a minha cabeleira brotava densa e vigorosa e crescia com rapidez incrível em fios de ouro puro. Mas, apesar dos seus cuidados, exultava:

— Tu, meu filho, não tens que te apoquentar: tens o teu pão garantido. Um só dos teus cabelos vale um ano de trabalhos e canseiras.

E, à cautela, ia tecendo, tecendo toucas e toucados com que escondia de olhos estranhos a maravilha nunca vista de um menino de cabelos de ouro.

Ora, ao passo que eu vivia, pode dizer-se que à sua sombra, quase prisioneiro dos seus receios e carinhos, mas bem convencido de que o mais importante era, de facto, esse futuro despreocupado de que ela me falava constantemente, meu irmão Uriel, um rapazinho moreno, activo, ágil e destemido, passava os dias fora de casa, as mais das vezes na companhia do Pai, ajudando-o na labuta das ovelhas. Conhecia-as pelos nomes, assobiava-lhes se elas pretendiam afastar-se ou apontava-as aos cães bem treinados que

imediatamente obedeciam à sua voz. Ajudava a tosquiá-las. Ajudava a ordenhá-las. E ocupava-se dos cordeirinhos que nasciam no monte. Em apertos de trabalho, acudia a qualquer vizinho e, com uns e com outros, ia aprendendo a ler e a escrever. «Quero saber coisas», dizia ele. E, depois de tudo isto, sobrava-lhe tempo ainda para correr ao desafio com gente da nossa idade, jogar à pedra e ao pau, subir às árvores e atirar-se às ondas a nadar e a pescar. Na verdade, nada lhe metia medo.

À noite, quando chegava a casa, meu Pai tinha sempre alguma coisa de especial e extraordinário a contar do filho «igual a qualquer outro»:

— O rapaz é um azougue... Joga o pau que nem um feirante... Salta que nem um cabrito-montês... Nada que nem um peixe... Corre que nem um gamo... E já lê! Vê tu que já lê!...

— É vivo, é — concordava minha Mãe. E beijava-me, a mim, porque bem sabia que eu, no fundo, invejava o meu irmão, uma inveja amarga apesar de conformado à ideia de que neste mundo cada qual tinha o seu quinhão e que o meu era o melhor.

De repente, a sorte mudou de rumo. Num Inverno muito rigoroso, uma avalanche de neve desabou sobre a nossa aldeia e soterrou-a, com um fragor horrível que nunca mais se apagou dos meus ouvidos. Meus Pais lá ficaram e com eles muitos outros. Milagre foi que não ficassem todos: escaparam alguns. E esses resolveram fugir daquelas malfadadas paragens. Cada um seguiu o seu destino. Também Uriel decidiu que seguiríamos o nosso. E partimos, levando connosco apenas o que tínhamos no corpo: uns calções velhos, uma camisa rota e umas botas cambadas. Eu levava a mais um dos toucados tecidos por minha Mãe e que ela tanto recomendava que não tirasse da cabeça, à vista fosse de quem fosse. E Uriel levava o seu cajado de pastor.

Andámos, andámos, eu sempre a lastimar-me, Uriel sempre a procurar animar-me:

— Tens que ter um pouco mais de paciência — dizia ele. — Não tarda que encontremos gente e eu peço trabalho...

— Mas eu não quero trabalhar— replicava eu. — Tenho o meu pão garantido.

— Tenho eu bons braços — respondia Uriel. — E a troco do meu trabalho dar-me-ão de comer que baste para os dois.

Chegámos por fim a uma aldeia à beira-mar. Nas ruelas, nem viva alma. Fomos descendo até à praia e aí deparámos com um grupo enorme de mulheres e de crianças que choravam e se arrepelavam porque um barco quebrara as amarras e boiava à deriva em riscos de se despedaçar contra os rochedos. E ninguém acudia, pois que os homens capazes de o fazer tinham saído todos para a faina da pesca.

— Um barco novo!... Quem há-de aturar o meu homem!... — soluçava uma das mulheres.

Uriel adiantou-se:

— Chorar de nada serve, tiazinha — disse ele.

— É preciso é fazer alguma coisa de útil. Segure aqui.

Deu-lhe o cajado para a mão e, decidido, atirou-se à água e nadou, nadou, até que alcançou o barco.

Mudas de espanto, as mulheres olhavam, as crianças olhavam e ninguém podia acreditar naquilo que tinha em frente dos olhos: um rapazinho lutando contra as ondas bravias que o atiravam de alturas de entontecer a precipícios que elas próprias iam cavando, um rapazinho que acabou por dominar o barco e o arrastar até à areia.

Então de todos os lados rompeu um clamor alvoroçado:

— Valente rapaz!... Tu quem és?... Donde vens?... Como te chamas?

E riam e choravam, abraçavam-no e beijavam-no. Todas à uma queriam levá-lo para sua casa, dar-lhe roupas, dar-lhe de comer, acarinhá-lo.

— Ganhaste-o bem — diziam elas. — Ganhaste-o bem.

Eu seguia tudo aquilo de longe, magoadíssimo porque me parecia que ninguém reparava em mim. Mas enganava-me. Uma rapariguinha gentil pôs-se a fitar-me com estranheza e acabou por perguntar:

— E tu quem és, com esse chapéu tão feio?

Mais magoado fiquei ainda. E respondi altivamente:

— Sou Gabriel, o irmão gémeo desse que salvou o barco.

A rapariguinha fez um gesto de surpresa e desprezo:

— Nem pareces!... E então gémeo! — E correu a juntar-se às amigas. E eu vi que, à medida que ela falava, todas se iam voltando para o meu lado e desatavam a rir, e percebi que era de mim que falavam e riam.

Nunca tal me acontecera! E não voltaria a acontecer, deliberei eu. E, raivosamente, arranquei da cabeça o toucado, e os meus cabelos de ouro, a tilintar e a reluzir, cobriram-me até à cintura.

Sem bem saber como, vi-me envolvido por gente de todas as idades, que se empurrava e atropelava. E senti que mãos sófregas e brutais me arrancavam aos punhados de cabelo. Coisa curiosa: não me doía. Mas enchi-me de pavor e gritei com todas as minhas forças:

— Socorro, Uriel!... Acode-me, Uriel!...

Imediatamente vi Uriel. Trazia na mão o seu cajado. E vestia uma camisola grossa e uns calções que eu não lhe conhecia. Intrépido como sempre, gritou, bateu, e conseguiu chegar até mim. E então, começou a manejar o seu pau com tanta arte que não tardou a abrir uma clareira à minha volta.

— Que ninguém se atreva! — ameaçava ele. E, agarrando-me por um braço, quase me arrastou pela praia além.

— Corre, Gabriel, corre — incitava-me ele. Tive tempo ainda de ver que toda aquela gente se adornava com os meus cabelos. Lançavam-nos ao pescoço, ao jeito de

colares. Enrolavam-nos nos pulsos, ao jeito de braceletes. E o susto por que passara deu lugar a uma vaidade sem limites. E, assim, quando Uriel repetiu: «Corre, Gabriel, corre», respondi de mau modo:

— Não sou gamo, como tu.

Uriel olhou para mim, surpreendido:

— Não vês que podem voltar?... Espera... Na verdade, os teus cabelos são bonitos demais. O melhor é continuar a escondê-los. Põe o carapuço. — Ele próprio mo ajeitou na cabeça. — Assim é melhor. Vamos.

Obedecer-lhe em tudo começava a tornar-se-me insuportável. Senti nascer em mim o desejo péssimo de o atormentar:

— Corres muito porque tens o cajado em que te apoias... Olha lá se mo emprestas!...

Uriel nem hesitou:

— Pois empresto. Pega.

Mas eu não lhe peguei.

— Pensando bem, não o quero para nada. É mais um tropeço. Leva-o tu, já que o trouxeste. Tenho é frio. Tu não, porque tens boas roupas.

Uriel pôs-se a rir:

— Queres trocar?

— Quero a camisola.

Uriel despiu-a e deu-ma:

— Assim até fico melhor... Ela é quente.

Eu vesti-a, não muito satisfeito com a minha consciência. Mas continuei:

— E tenho fome. Uriel voltou a rir-se:

— Deves ter, sim. — Tirou do bolso um merendeiro ainda morno. — Foram as mulheres que mo deram... Guardei-o para ti.

Tirei-lho da mão, bruscamente. E perguntei, irritado:

— Porque estás tu sempre a rir?

Uriel pôs-se muito sério:

— Porque não vale a pena chorar. Era bom que aprendesses. E, agora, come depressa. Ou antes, vamos andando e tu vais comendo. Vem daí.

— Para onde?

— Só Deus o sabe. Aqui não estás seguro.

Eu ia cansado e com calor. Ele não. Corria ligeiro à minha frente. Saltava barrancos. Voltava atrás. Pulava de pedra em pedra. Dependurava-se dos ramos baixos das árvores. E tudo isto sem parar. Mas, de súbito, estacou, fitou um ponto ainda distante:

— Um lobo — disse ele. — Não saias daí. Vi-o espiar, rastejar, esconder-se atrás de um penedo...

O lobo avançava e na minha direcção. Levava nos dentes um cordeiro a balir. Eu tremia. Queria fugir e os meus pés eram de chumbo. Queria gritar e a minha garganta era um lenho seco. Uriel... Onde estaria Uriel que não me acudia?

Uriel esperava o lobo. E, no momento propício, saltou do esconderijo e, com o cajado, desferiu-lhe um golpe certo. O lobo largou a presa, uivou de dor e acabou por fugir aos galões e desaparecer por entre as fragas.

Uriel pegou no cordeiro, pô-lo às costas e chamou por mim:

— Gabriel... Gabriel...

Apareci-lhe, ainda tonto de medo. Quanto a Uriel, era como se nada tivesse acontecido.

— Vamos descer ao vale — disse ele. — O rebanho não deve andar longe.

Antes, porém, de lá chegarmos, vimos gente que subia a encosta ao nosso encontro. À frente vinha o pastor:

— Eia, rapaz, vi tudo!... Tens cá uma destas almas!...

E, mais uma vez, lá foi Uriel aclamado e levado pela multidão, pasmada e entusiasmada. E eu atrás, roído de inveja! As coisas não ficariam assim.

Acotovelando uns e outros, fui perfilar-me ao lado dele.

— Que vem a ser isto?... — exclamou o pastor. — Que barrete mais esquisito tu arranjaste, amigo!... — E largou uma tal gargalhada que todos os outros desataram a rir também, e só se calaram quando Uriel gritou:

— Deixem-no! É meu irmão.

Achei que não bastava. Queria valer mais do que ele e pelos meus próprios méritos. E arremessei o toucado ao chão.

— Sou Gabriel dos Cabelos de Ouro — proclamei bem alto.

Os meus cabelos soltos eram tão belos que todos pareciam ter esquecido o feito de Uriel para se quedarem boquiabertos a olhá-los. Foi um momento só. Logo mãos ávidas se estenderam para eles e, quando se retiravam, dos seus dedos escorriam fios de ouro a faiscar.

Apesar de todo o meu orgulho, gritei, gritei, gritei. Mais uma vez Uriel me valeu, mais uma vez me arrastou e mais uma vez me obrigou a esconder o meu tesouro.

— Ainda acabas por ficar sem nenhum — ia dizendo Uriel.

Eu esquecia tudo com demasiada rapidez:

— Não te rales... São meus, não são? E hão-de crescer outra vez como todos os outros, não é?

Uriel não deu resposta. Caminhava depressa. Que iria a pensar de mim?... Pouco me importava. Insisti:

— Crescem ou não crescem outra vez?

— Sei lá... É natural que sim.

— Então pronto.

Apressei-me para não o perder de vista. Andámos, andámos sem destino. Chegámos por fim a uma cidade tão grande como nunca poderíamos ter imaginado. O movimento era de enlouquecer, o barulho infernal, e eu vi bem que Uriel, sempre animoso, estava tão desnordeado como eu.

— Se ficássemos por aqui? — disse ele, apontando os degraus de um portal.

Sentámo-nos. Uriel encostou-se e pegou logo no sono. Eu não o conseguia. O ruído era muito. A fome era muita. Olhei para Uriel. Dormia profundamente. Pus-me de pé e deixei-me guiar pelo cheiro aliciante de comidas boas, que se espalhava pelo ar e me lembrava os bons tempos da nossa casa.

Aspirando, aspirando, cheguei à entrada de uma sala dez vezes maior que o nosso antigo redil. Ao meio, sentados em volta de uma grande mesa, muitos e muitos homens comiam, bebiam e conversavam. E um outro ia e vinha, trazendo e levando tachos e panelas fumegantes. Não resisti. Entrei e fui ter com ele:

— Dê-me de comer a mim também. Morro de fome.

Ele olhou-me de alto a baixo:

— Isto paga-se, meu rapaz.

Admirei-me:

— Lá na minha terra não era assim. A minha Mãe, quando tinha de comer, dava-o a quem o pedia. — E eu quase chorava.

— Mas eu não sou a tua Mãe. Aqui paga-se.

— Eu pago o que o senhor quiser.

— Com quê?... Não tens cara de muitos haveres.

— Engana-se. Venho já.

Aprendera a desconfiar. Saí. Procurei um recanto escuro e arranquei uma porção de cabelos.

Voltei à sala grande com a fome a doer-me cada vez mais e os fios de ouro a luzirem-me nas mãos.

— Chega? — perguntei.

O homem abriu a boca, de tão pasmado.

— Dá cá isso! — E, num instante, fê-los desaparecer no bolso, enquanto lançava olhares esgazeados em redor, não fosse alguém ter dado conta. Mas tudo passara despercebido e a sua voz tornou-se branda e afável:

— Onde o arranjaste?... Come, rapazinho, come à tua vontade. E ainda podes levar o que te apetecer para o teu farnel. Ein! Que dizes tu a isto?

Eu não dizia nada. Devorava. E o homem sempre a servir-me iguaria sobre iguaria, e a insistir:



— Diz-me, rapazinho, onde arranjaste o ouro?... Come, come, meu filho... Olha-me para esta delícia de carne... Onde arranjaste o ouro?

Todo ele era mel e ternura. Mas eu apanhara medo às multidões. E apontei para os homens que continuavam à mesa. Ele entendeu. E fez-se ainda mais carinhoso:

— Olha, meu queridinho, dorme cá. Arranjo-te uma caminha fofa. E amanhã falamos, está bem?...

Uma caminha fofa!... Nem quis saber de Uriel. Aceitei. E dormi, dormi, como há muito não dormia.

Acordei havia ainda estrelas no Céu. Não percebi logo onde estava. Na caminha fofa não era, de certeza. Era, sim, nas pedras duras de uma rua estreita e enlameada. No chão, a meu lado, um saco de comida que chegaria bem para uma semana.

Palpei a cabeça. Já lá não estava o toucado, mas sim uma boinazita vulgar. E dentro dela alguma coisa faltava: o homem roubara-me todo o meu cabelo de ouro.

Só então me veio à ideia que estava sozinho numa terra estranha, que não tinha com que pagar fosse o que fosse enquanto o cabelo não me crescesse e que não sabia de Uriel nem ele de mim.

Vagueei pela cidade na esperança de o encontrar. Talvez não estivesse muito longe...

Nisto, ao dobrar de uma esquina, vi ao fundo da rua um clarão intenso. Corria gente de todos os lados. Corri também. Vi uma casa a arder. Labaredas vermelhas saltavam das janelas e do telhado, em turbilhões pavorosos. Uma mulher desgrenhada gritava e esbracejava tentando arrancar-se às mãos que a seguravam.

— A minha filha! Larguem-me! Quero a minha filha!

Mas ninguém considerava possível entrar naquele braseiro onde iriam morrer uma criança e um rapazinho que a ele se atrevera e que não voltara.

— Morreram os dois — murmurava-se.

E a mulher chorava e já todos choravam com ela.

— Deixem-me! Quero a minha filha! Dou tudo o que tenho a quem salvar a minha filha!

Pensei logo que, se ali estivesse Uriel, alguma coisa haveria de fazer, não hesitaria, arrojá-la às chamas... E eu tinha razão. Vi-o, vi o próprio Uriel aparecer à porta da casa incendiada, cercado de labaredas altíssimas e com uma criança nos braços. Vinha negro, a roupa queimada, mas nunca esqueci o seu ar de felicidade ao ver a mãe agarrada à filha, a beijá-la, a apertá-la, sem poder convencer-se de que a tinha ali, viva, depois de a ter tido por morta nos horrores daquele inferno.

Já mais calma, aproximou-se de Uriel. Eu aproximei-me também sem que ele desse por mim. Donde estava ouvia-os nitidamente:

— Como te chamas? — perguntou ela.

— Uriel.

— Teus pais onde estão?

— Senhora, estão ambos no Céu.

— Serás meu filho, Uriel. Dar-te-ei o que tu quiseres.

— Senhora, nada quero senão trabalho.

— Que gostarias tu de vir a ser?

— Meu Pai era pastor. Sei toda a sua arte. Mas gostava de saber coisas.

— Saberás tudo quanto desejares saber. Vem comigo.

— Obrigado, senhora, mas não posso. Tenho um irmão e desde ontem que não sei dele. Tenho de o procurar.

— Ajudar-te-ei. Encontrá-lo-emos. E viverá contigo e estudará contigo.

Ouvira o suficiente. Fugiu. Passara a admirar Uriel como nunca o admirara. Mas também compreendera que nunca seria como ele, que não me interessava saber coisas, que não me interessava trabalhar, que me bastavam os meus cabelos de ouro. Eles cresceriam e eu já sabia que tinha de os resguardar e esconder da cupidez do mundo. E que teria sempre esse mundo a meus pés, com um simples punhado deles.

Assim pensava eu. Mas o que nunca pensei foi que tivesse de os poupar. Cobiçava tudo e, com os meus cabelos, tudo conseguia. Esbanjei-os, sem querer convencer-me de que eles se iam tornando cada vez mais leves, cada vez mais raros. E era eu ainda bem novo quando me vi de cabeça pelada como a palma da minha mão e sem sombras da sua antiga e bela cor de ouro.

E eu não tinha mais nada.

Há uns anos atrás, soube de Uriel. Estudou. É um homem de valor e de tanta sabedoria que vai gente de muito longe em busca do seu conselho. Acode a todos. Todos o estimam. Casou com a menina que salvou das chamas. Tem filhos, um rancho deles. Com certeza que é feliz. E eu... eu sou isto que estão vendo... uma miséria.

Gabriel, o velhotezinho careca, suspirou e calou-se.

Os garotos olhavam-no, também em silêncio.

— Foi bonita a sua história — disse um, por fim. — Acabou?

— Não, não acabou. Queria ainda que me dissessem qual dos dois gostariam de ser: Uriel ou Gabriel dos Cabelos de Ouro?

— Uriel — responderam todos.

— Valeu a pena contá-la — disse o velho. Levantou-se devagar e enfiou o gorro: — O tempo arrefeceu...

E lá foi, de sacola ao ombro, arrastando os pés pela estrada fora.

Patrícia Joyce
Gabriel dos cabelos de ouro e outras histórias
Lisboa, Editorial Verbo, 1983